

MOSTRA DE ARTE
PUNK



APRESENTAÇÃO

O Punk é um paradoxo... Se você perguntar para 50 punks o que é punk, receberá 50 respostas diferentes. Em muitas cidades do mundo o movimento punk é composto por várias cenas diferentes. Não é segredo pra ninguém que, em grandes cidades, várias vertentes da cultura punk são observadas. Em certos momentos, essas diferenças convivem bem e, muitas outras vezes, não... E essa treta toda acontece exatamente porque não existe um consenso ou uma visão homogênea do que é o punk ou do que é ser punk.

Mas, apesar disso, uma coisa é inegável: os punks se reconhecem pelas ruas, becos, ocupações, clubes, casas de shows e manifestações políticas e culturais na cidade, fato facilmente perceptível em um ambiente nocivamente urbano como a megalópole que é a cidade de São Paulo. Pequenos detalhes nas vestimentas, tatuagens, mochilas ou gírias são razões para que um punk olhe diferente para alguém. Quando punks se cruzam na rua, tentam identificar de qual rolê a outra pessoa é, tendo consciência de que toda uma série de entendimentos que aquela pessoa tem sobre punk pode estar inscrita nela própria; o punk representa o que ele é por dentro ao criar uma estética externa. Essa estética é representada também artisticamente, e os traços estéticos de cada detalhe na composição de uma produção punk inscrevem, de alguma forma, percepções sobre a sociedade em que aquela cena está inserida. O contexto cultural global que o punk constrói e habita tem uma potência artística tão forte que mantém esse movimento não apenas vivo, mas também se adaptando e renovando-se constantemente há décadas.

Olhando pelo ponto de vista da grande mídia, observando-se as músicas mais tocadas nas rádios de música pop, pode-se dizer que o punk teve altos e baixos, mas foram exatamente nos momentos de baixa na mídia que cenas locais diversificaram-se em estéticas, sons e produções diferentes. Quando os holofotes não estão no punk, o mesmo começa a criar coisas novas, antropofagicamente ele vai assimilando aspectos dissidentes que a própria sociedade produz em suas margens. Em meio a esse caldo cultural, décadas de vivências geraram uma multiplicidade de linguagens artísticas.

A difusão de meios de fotocopiar textos levou o punk ao mundo dos fanzines, rupturas de movimentos artísticos influenciaram a expressão de jovens identificados com o punk que passam, por sua vez, a mesclar uma estética surgida nos anos 70, permeada de atitude de faça-você-mesmo, com o dadaísmo dos anos 1910. Diferentes relações feitas entre artes plásticas e temáticas presentes em músicas punks levaram os músicos do movimento a inserirem performances nos seus shows. A necessidade de expressar para além da música fez com que artistas fossem muito cuidadosos nas artes impressas em seus álbuns.

A quantidade de relações é tão gigantesca que não caberia na humilde introdução de uma obra como essa, mas, quando refletimos um pouco mais, percebemos que ser algo tão vasto torna essencial que recortes como o que segue ocorram. Esse é o sentido dessa mostra, proporcionar uma visão de outras linguagens artísticas por diferentes personagens que habitam e convivem em diferentes cenas que coexistem nesse paradoxo cultural chamado Punk. Certamente novas criações seguirão surgindo, novos sentidos serão criados e, assim, novos recortes permanecerão se fazendo necessários.

A produção da Primeira Mostra de Arte Punk foi motivada por uma vontade de mostrar que a cultura punk é maior que sua faceta mais conhecida, que é a musical, mas, também tentar evidenciar o quão ampla e diversificada essa produção é no Brasil. Por si só, isso já justificava mais de uma mostra.

A Segunda Mostra de Arte Punk, então, contexto onde essa apresentação é produzida, começou a ser gestada dias depois do encerramento da primeira. A quantidade de conversas e ideias que aconteceram no espaço do Núcleo de Intervenções Artísticas, na cidade de São Paulo (ou, simplesmente, NIÁ para os artistas e público que frequentam o local) deixaram evidente que muita coisa ficou de fora e que mais espaços como esse se fazem essenciais. Ocorre porém que essa mostra foi pensada em 2019 e, em 2020, veio a pandemia e o lockdown. Tudo o que foi pensado sobre ampliação do espaço de exposição, aumento da divulgação, criação de uma mostra itinerante e etc., teve que ser repensado e adaptado à nova realidade global que estávamos vivendo. Coube ao coletivo construir uma mostra virtual e um catálogo impresso, que ficarão como um reservatório artístico e um recorte, ainda que limitado, desse momento.

Tal como manda a prática do faça-você-mesmo, onde a lógica do "feito" é melhor que a idealização do "perfeito", tanto na primeira, quanto e sobretudo, nesta segunda mostra, tudo foi pensado, articulado, organizado e produzido por pessoas que fazem parte da movimentação do punk em suas respectivas cenas, tanto em São Paulo, quanto em outras cidades do Brasil. Uma rede de pessoas da subcultura com

históricos envolvimento com a música, a comunicação, a produção visual, produção de gigs e turnês, e muito mais, toda a equipe que trabalhou e construiu essa exposição vem do punk e produz a partir de sua respectiva cena. Uma mostra, enfim, idealizada e construída por punks, das entranhas do presente movimento para os punks das mais diversas gerações, para o grande público e além.

Assim, se o começo do punk é algo nebuloso, podemos dizer que 1977 é o ano em que o mundo notou a existência do movimento. Mais de 40 anos depois dos primeiros jovens se assumirem punks, outras pessoas, em outra parte do mundo, constroem uma arte que vibra na mesma frequência de revolta e indignação dos primeiros tempos do movimento. Produtos de visões de mundo marginais inseridas em um contexto de adoecimento global onde as estruturas de concentração de renda e poder pioram cada vez mais a vida da maioria da população, são impressões que punks de diferentes vertentes e habitats têm tido sobre uma realidade caótica comum. Que os registros fiquem, e que o punk se mantenha como um punho cerrado contra a hipocrisia do sistema capitalista e autofágico, vibrando um sentido alternativo que consegue se renovar e se reconstruir à cada vez em que a sociedade tenta controlá-lo.

ANDRÉ ARAÚJO

Andre Araujo é um artista contemporâneo brasileiro, cujo trabalho é caracterizado pela incorporação do simbolismo, pelo uso de imagens punk e textos marginais, de marcas agressivas e gestuais e pelo fascínio com os chamados outsiders.

A pesquisa de Andre Araujo vem das ruas, que inclusive são fonte de materiais encontrados, coletados e incorporados aos trabalhos. São fragmentos urbanos como fotografias, terra, cartazes, mapas, objetos, suturas e toda sorte de itens que signifiquem afetos e que, incorporados à profusão de tintas ou barro, contribuam para a sua narrativa.

O que o artista busca em seu trabalho é, essencialmente, a expressão, perseguindo a sensação que emana das coisas para construir seu imaginário pictórico. André Araujo, ao longo de sua trajetória, vem realizando exposições no Brasil e no exterior, como nos Estados Unidos, Portugal e Alemanha.

Artista, professor, designer gráfico, diretor de arte do Estúdio Alfavaca e vocalista da banda Carnegão, Andre é cidadão do mundo, o artista atualmente vive e trabalha em Belo Horizonte, MG.

Seus trabalhos podem ser vistos em seu perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/andrearaujoartista/>



Posso dizer que meu trabalho é uma grande colagem, uma apropriação; proponho aos expectadores desenvolver infinitas interpretações ao acumular fragmentos. Cacos de um grande vitral. A imagem do corpo nos meus trabalhos está vinculada não ao medo da morte, pois essa é certa, mas sim à angústia de viver, do corpo exposto a um existir doído e injusto. A construção da imagem corporal em meu trabalho se alimenta das experiências vividas, da percepção daquilo que existe à minha volta, um corpo-a-corpo com o real. Somos um tempo mutilado.

Meu trabalho também está calcado no pensamento acerca da tanatopolítica, prática característica do estado de exceção no âmago de governos democráticos. Exceção e democracia, hoje, não são um o avesso do outro, mas convivem numa contiguidade própria a sistemas mantidos por simbiose. A exceção instala-se como uma técnica eficaz na democracia que nos governa, legalizando a morte e indivíduos 'matáveis': a tanatopolítica."

"Trabalho em diferentes linguagens e sempre permeadas pela temática corporal e suas significações.

BASEIO-ME EM REFERÊNCIAS DIVERSAS DA LITERATURA E DA MÚSICA, COM NARRATIVAS FRAGMENTADAS, APRESENTADAS EM UM FLUXO DE CONSCIÊNCIA QUE CHAMO DE EXPRESSIONISMO-HARDCORE: RÁPIDO, DISTORCIDO E COM TRÊS ACORDES DE CORES.

Desde o final dos anos de 1980, desenvolvo ampla pesquisa sobre a violência, o medo, o erotismo e a morte. A partir do meu interesse pelo Punk e ao redor dele, volto-me para investigações filosóficas sobre o corpo e suas variantes (fragmento, grotesco, abjeto), onde as imagens são apresentadas de forma vertiginosa e agressiva.



ARIEL

Um Velho Punk Rabugento.

PROCESSO DE
PRODUÇÃO ARTÍSTICA:
OBSERVAÇÃO DA REALIDADE.

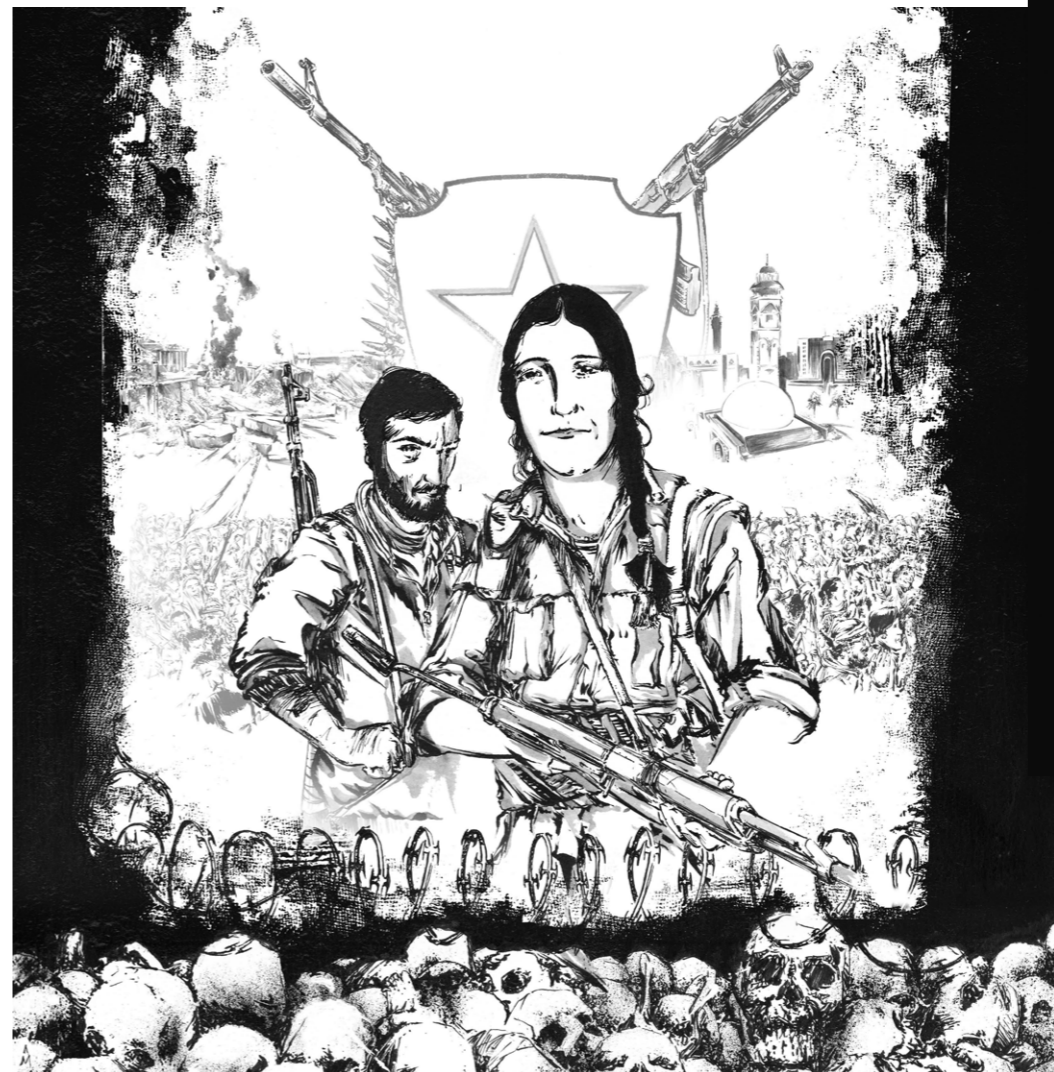


AUGUSTO MIRANDA

Há mais de quinze anos Augusto Miranda ilustra para os cenários do Punk, Metal e em outros setores musicais/literários. Sua inserção se deu junto com a participação em bandas do Punk/Noise/Grind e é na contestação desses segmentos que veio a atuação artística e profissional. Graduado em Artes Visuais e pós-graduado em Linguagens da Arte num desses fast-foods de tubarões da educação - com professores de uma humanidade absurda! - é mais um da sul, Professor de Artes na Educação Básica de SP.

O filho de Don'Ana usa do Terror Biopsicossocial vivido por quem não é do eixo/elite e o devolve em sua obra ao cristianismo, ao Estado, às corporações e às classes alta\$. Ser de uma periferia paulistana foi o combustível para essa abordagem volátil da realidade e o pavio foi aceso na adolescência e deve ter sido o mesmo com qualquer pessoa lendo esse texto: ter escutado Ramones pela primeira vez.

Também foi muito impactado por Mad Max 2 e Akira, e na fase adulta pelos trabalhos de Mutarelli e Carl Sagan.



VAMOS COMEÇAR COM UMA CONFISSÃO: EU DETESTO DESENHAR. DETESTO.

Tenho inúmeros problemas com o processo de produção artística - ao longo dele todo mergulho em autorraiva, rancores; as ideias em minha mente SEMPRE saem bem diferentes no final - e eu me condeno demais nisso! Os rascunhos são infinitamente superiores ao produto final...Mas aí temos um ótimo ponto: Arte é Conflito!

Eu preciso e quero vivenciar esse conflito interno, teórico, espiritual, sei lá como se pode denominar essa experiência. É uma zona de total "desconforto" que gere a produção - seja aprovado ou não por quem tenha encomendado, o processo é sempre o mesmo, sempre penoso e a cria que havia de nascer, desbravou seu caminho, nasceu.

AFROPUNK



É com um rabisco qualquer num canto de folha que começo a arrancar as ideias, para daí passar para o rascunho - apesar da vida curta, sempre prefiro ele! Prefiro o trabalho inacabado, ainda no lápis, sujo, borrado. É ele que melhor marca o desenvolvimento do trabalho. É o momento em que ponho mais tempo e energia.

Concebida a ideia, vem o esboço na plataforma final - também toma um tempo, e é aqui que percebo a diferença da ideia inicial com o resultado que surge. Então, a finalização.

Penso muito na Produção Artística como esse ser autônomo, truculento, teimoso, exigente, queixoso, faminto, que, para nascer, manuseou seu artista - e não o contrário. Não importa se atende à expectativa ou não.

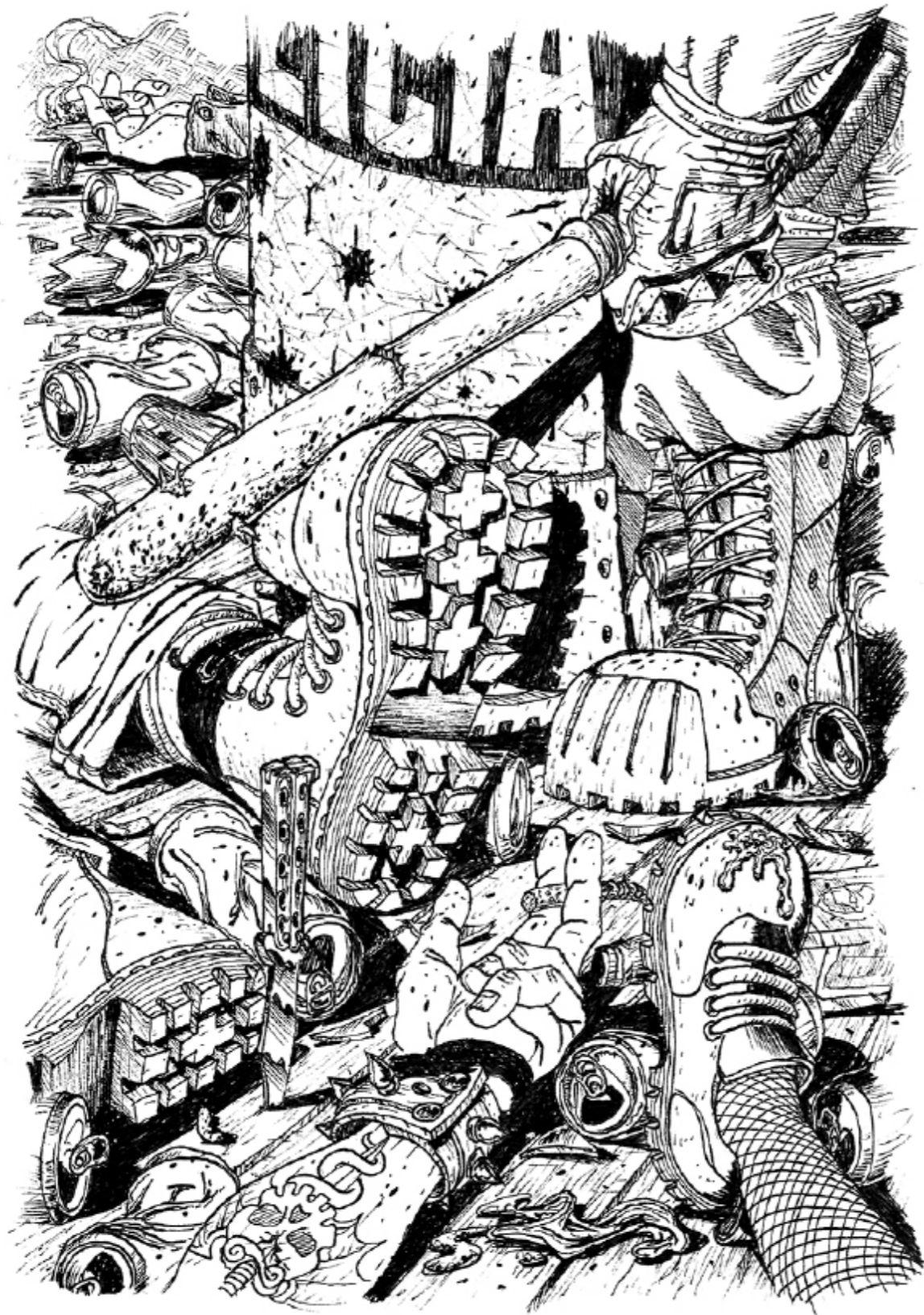
Quis nascer. Nasceu.
Do modo que quis, nasceu.

- Todo Artista Ora Ao Diabo.



CAMILO MAIA

Camilo Maia é Programador Visual formado pela UFPE, designer & artista gráfico e fanzineiro de longa data, também atuando como professor de fanzine e artes reprodutíveis já há quase 20 anos. Punk-rocker em tempo integral, vocalista desde sempre da banda street punk SUBVERSIVOS e um ilustrador nas horas livres, desde muito tempo encontrou na cultura seu campo de trabalho e na comunicação visual a sua práxis. Nos últimos anos tem desenhado, criado capas, cartazes, flyers, identidades visuais e realizado projetos gráficos fora do convencional, sua paixão, diagramando para livros, revistas, zines e quadrinhos diversos através do coletivo editorial Livrinho de Papel Finíssimo, de Recife. Se reivindica mineiro de nascença, sergipano de coração e pernambucano por opção, mas não passa de mais um internacionalista.

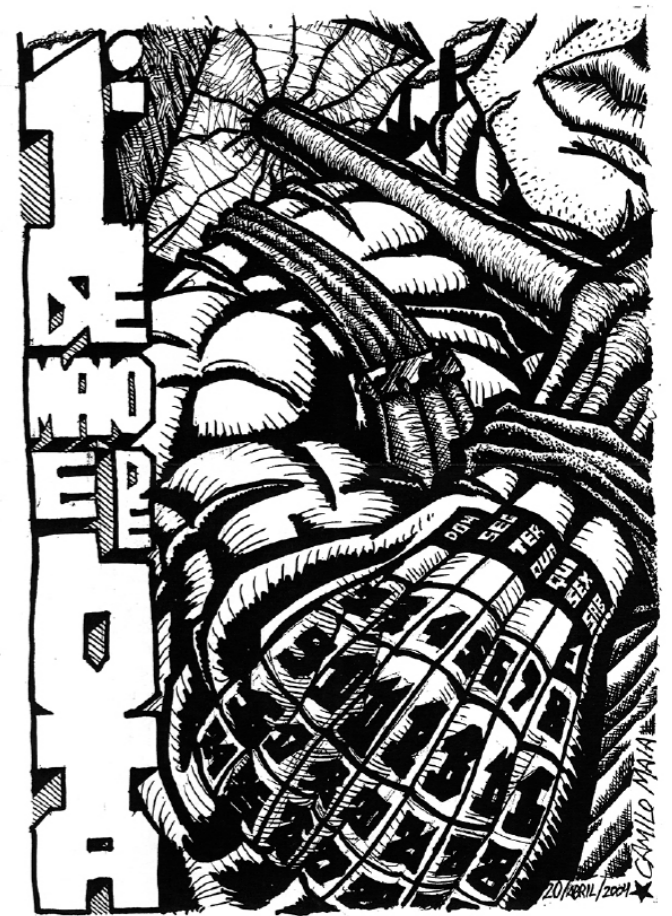


Ele odeia
que façam ele es-
perar! Ele odeia
caras que aceitam
seu convite e chegam
com a turma a tra-
cof! odeia cliente
que foge que seja
porra seu trabalho e
da o calote! Odeia os
imbécis que pergun-
tam "VOCÊ SABE COM
QUEM TÁ FALANDO?"
odeia quem sabe que
tá fazendo errado e vai
fazendo mesmo assim!
odeia patrulhamento
ideológico de quem não
te conhece! odeia ter-
veza quente e cara!
odeia malandragem
pra cima de você!
odeia fazer se lá! odeia
riso social e gene-
rosidade oportu-
nista! odeia,
odeia! Tam-
bem odeia
quando não
acha fumo que-
do ele precisa! Ode-
ia jogos e odeia você!
... BORIS CARRILHO, boise,
aqui agora, após um dia
de contradições, si
não odeia uma coisa:
a primeira gelada do dia
... como JONAS, BORIS e
só apenas mais um destes
ANIMAIS de RUA!

PR. CAMILO MAIA
em 5 de Janeiro de 2012

"SOU UM DESENHISTA ESPORÁDICO. DAÍ QUE A MINHA PRÁTICA É DE DESCOBERTA PARA CADA ILUSTRAÇÃO. NÃO CONSIGO SIMPLEMENTE SENTAR E DESENHAR DIRETO. SOU TRAVADO, MESMO!"

Dependo muito de passar um tempo pensando sobre o tema que vai ser desenhado. A imagem mental que guia minha mão na hora que sento pra desenhar não vem imediatamente, quando o tema do desenho é definido. É inicialmente confuso e misturado, e quanto mais eu vou pensando sobre o que quero representar dentro desse tema, mais eu vou vendo ele na minha cabeça. Quando eu vejo essa imagem geral, a etapa mais importante passa a ser o esboço a lápis no papel, em cima do qual eu rabisco, apago e refaço traços principais inúmeras vezes, até chegar naquele conjunto de riscos que é o mais próximo que consigo da minha imagem mental.



Uma vez com o rabisco inteiro mostrando o tema que eu queria e também me entusiasmando, aí sim eu passo para a etapa que eu mais gosto e me divirto, que é a arte final! Até trabalho com cores de vez em quando, mas quando é meu prazer que está na balança, os materiais que mais gosto são as canetas nanquim de várias espessuras pra definir os traços e o grafite 6B pra trabalhar os volumes e o claro escuro do desenho. Começo com as diversas espessuras de riscos, entre principais e secundários, para depois me sujar à vontade com o preenchimento do desenho com o grafite 6B. Por fim, uso borracha para sumir com a sujeira das bordas, quando ela é demais, e acender as iluminações do desenho. E está feito."



CARLOS GERBASE

Carlos Gerbase nasceu em 1959, em Porto Alegre, onde sempre residiu. Ainda quando estudava jornalismo, no final da década de 1970, começou sua carreira como cineasta. Depois de formar-se, em 1981, começou a dar aula na PUC-RS na área do audiovisual. Em paralelo, ao lado de três amigos, criou a banda de punk-rock "Os Replicantes". Entre 1984 e 1989, atuou como baterista, letrista e diretor de vídeos do grupo. Entre 1989 e 2002, passou para os vocais. Já um replicante "aposentado", teve esporádicos trabalhos musicais, como o álbum "Destrua você mesmo", de 2017. Foi um dos fundadores da Casa de Cinema de Porto Alegre, onde escreveu e dirigiu dois longas-metragens, vários curtas e programas de TV. Saiu da Casa de Cinema em 2010 para criar a Prana Filmes, onde já realizou dois longas. É escritor, com quatro trabalhos de ficção, duas obras ensaísticas na área do cinema e uma obra didática destinada ao ensino médio. Escreve quinzenalmente uma coluna sobre cultura no jornal Zero Hora.



"SOU UM FIGGIONISTA. ISTO É, ALGUÉM QUE INVENTA HISTÓRIAS, COM PERSONAGENS E TRAMAS 'DE MENTIRA' PARA FALAR SOBRE O MUNDO 'DE VERDADE'."

Uso diferentes tipos de linguagens e suportes para contar histórias. Comecei como contista, ainda adolescente, com ambições literárias tradicionais. Ao mesmo tempo, aprendi a fotografar, revelando e ampliando filmes no velho processo químico e analógico. Creio que o cinema surgiu em minha vida pela mistura das palavras (dos textos literários) com as imagens fotográficas. Não me importo muito com a bitola, ou com o orçamento dos filmes. O que me importa é a história que o filme conta, que depende do roteiro e de uma boa performance dos atores e atrizes.

Quando "Os Replicantes" surgiram, não tinha qualquer ambição como baterista. Aprendi pouquíssima técnica, mas compensava com esforço físico e a consciência de que a banda era um trabalho coletivo, de apoio mútuo e constante aprimoramento pela prática. Desde as primeiras letras, usei mais as ferramentas da prosa ficcional (personagens; e tramas com começo, meio e fim) do que as da poesia. Nunca fui poeta. O grupo sempre teve forte apelo visual, e isso era registrado por uma produção constante de vídeos, gravados ao vivo, ou sob a forma de cliques. Trabalhei ao lado de jovens e talentosos artistas gráficos e audiovisuais, construindo aos poucos, de forma colaborativa, a identidade de "Os Replicantes", que continua forte até hoje."

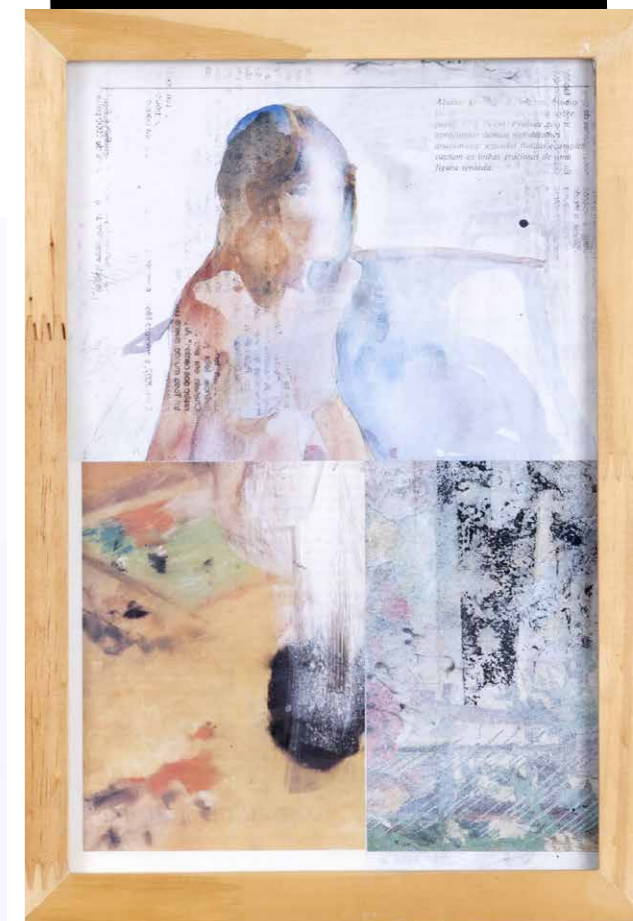
DANIEL LIMA

Natural de Bragança Paulista, formado em design gráfico, tive desde meu primeiro dia do que posso chamar de 'rolê punk' contato com as artes. Lembro bem que um dos primeiros rolês, foi numa exposição coletiva e autônoma, produzida e organizada por figuras marcadas da cena punk da minha cidade, pessoas que são amigas e parceiras até hoje.

Logo de cara, talvez também por estar no interior de São Paulo, onde problemáticas como gangues e toda essa correria de sobrevivência que a cidade grande oferece praticamente era inexistentes, nunca desvencilhei as artes do Punk.

De lá pra cá experienciei coletivos, squats, crews. Sendo essas vivências dentro do punk, responsáveis para que eu algum dia, me enxergasse como artista.

Não consigo ficar parado. Hoje toco nas bandas Perjúrio e Inês é Morta, e faço parte do coletivo DARQ.



MEU TRABALHO COMO ARTISTA DISCUTE O ABANDONO, RESIGNIFICANDO PADRÕES, FORMAS E MANCHAS. ABORDA A NECESSIDADE DO DIÁLOGO E AS RELAÇÕES NÃO ÓBVIAS ENTRE O UM E O OUTRO.

Os trabalhos aqui expostos são colagens, que através de interferências em impressos usando de técnicas como monotipia e pintura, somam linguagens. Do processo fazem parte caminhadas, garimpos, trocas e encontros. O material, as técnicas e a forma como consigo a matéria prima, são primordiais pois refletem a intenção do que quero discutir, que é o abandono, o descarte, o encontro e o desencontro e a resignificação de tudo isso.



DMNT

Nascido em São Paulo e atuante no movimento Punk há mais de 25 anos, DMNT tocou nas bandas Phobia Punk Rockers, Juventude Maldita, Final Fight, Invasores de Cérebros, Fogo Cruzado, The Electric Candles, Elektrobillys, Sindicato do Crime, Dekrepitor, Brazilian Punk Attack, entre outras. No ano 2000 criou o selo e produtora de shows Rebel Music Records. Foi o principal responsável pelo extinto Estúdio Noise Terror, espaço que promoveu centenas de shows, gravações fonográficas e atividades voltadas à cena punk e underground em SP, e também apresentador do programa Contracultura, na Rádio Trianom AM. Também é integrante do setor de Comunicação do MTST.

Iniciou-se nas artes gráficas estudando pintura com a pintora tcheca radicada no Brasil, Lise Forell, sua maior influência artística, com quem permaneceu como estudante e assistente até o fim de sua vida. Também foi assistente do artista plástico André Araújo, outra grande influência, com quem observou de perto o conceito de arte Punk para além da música. Criou dezenas de estampas de camisetas, centenas de cartazes de shows e turnês e uma grande quantidade de capas e artes para discos de rock, quase sempre voltados à cena Punk.

ENCARO A TELA DEMORADAMENTE, ESTUDANDO MEU Oponente

Enquanto a fumaça sobe, esvazio a mente e ataco de improviso, sem esboço, atirando tinta com pincéis, dedos, lápis, bicos-de-pena, recortes, espátulas e as demais armas que estiverem disponíveis. Invisto com amor algumas vezes, mas sobretudo com raiva, ódio, pavor, nojo... Esculpo em tinta meus heróis e amigos e cuspo na superfície meus demônios, desejos e desafetos. Nada é planejado, tudo é o momento, esvazio o pensamento para olhar o sentimento.



EVELISE OLIVEIRA

Evelise Oliveira é Fotógrafa formada pela Univali, pós graduada em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Estácio. Começou a se interessar por fotografia aos 15 anos, fotografando batalhas e encontros de rap, em 2015 fez seu primeiro show punk onde descobriu uma paixão. Desde então faz registro da cena local em Santa Catarina e viaja com frequência para fotografar eventos em Curitiba e São Paulo. Em 2019 criou a Sisterhood Produções com a qual começou a organizar eventos em Florianópolis promovendo a cena local com shows de Juventude Maldita, Sistah Chilli, Ataque à Jugular, entre outros. Em 2020 participou como selo na Coletânea Oi Oi Oi Antifa que foi lançada em vinil com as bandas Injetores, Bellare e Última Classe.



Esgurmitado de Marmitex - Vintage Rock Bar - Porto Belo - SC, 2018



Los Fastidios - Jai Club - São Paulo - SP, 2018



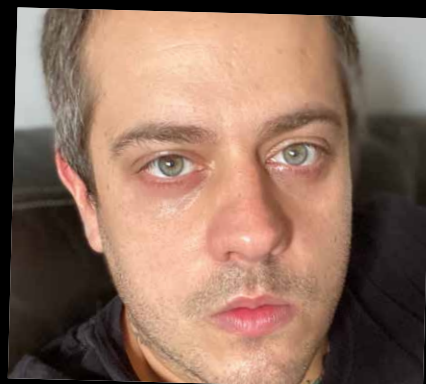
Acidez - Taliesyn Rock Bar
Florianópolis - SC, 2017



Los Fastidios - Jai Club
São Paulo - SP, 2018

POR ESTAR INSERIDA NA CENA, MEU PROCESSO DE FOTOGRAFIA É INTUITIVO, VOU AOS SHOWS PREVIAMENTE ESCOLHIDOS E REGISTRO DE PERTO.

Já na pós produção meu foco é no tratamento básico de luz, contraste e, na maioria dos casos, opto por usar preto e branco. Acredito que a cor interfere na percepção da imagem, tira o foco das expressões. Não altero objetos existentes, nem adiciono, tentando ser o mais fiel possível à realidade.



FELIX BARREIRA

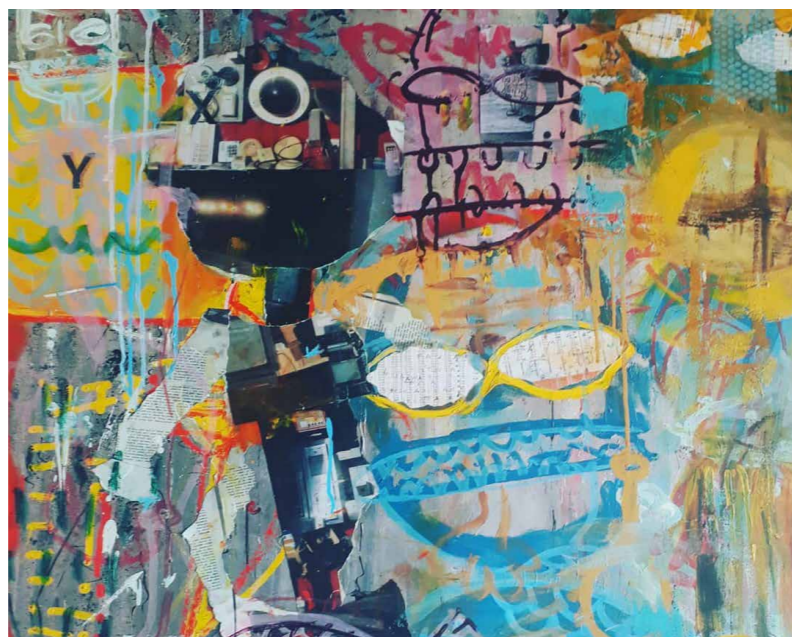
Cria do canal 6, em Santos, Felix Barreira, também conhecido como Gordão, esteve desde moleque envolvido com a linguagem hardcore punk do "faça você mesmo". Encontrou nas subculturas o refúgio que todo ser em formação busca durante a adolescência, sempre amparado pela melhor rede de apoio que poderia almejar: a Moonstompers Crew, coletivo existente desde 2001.

Da rebeldia do Oi! para a sutileza da música jamaicana foi um pulo, e a partir disso, um universo se abriu. Discotecário e colecionador de discos, viu no rocksteady uma escola que o levou para inúmeros períodos e lugares da música: do jazz ao northern soul, da cumbia à bossa nova, do rap underground ao Madchester.

Artes visuais ou "rabiscos de bonecos doidos" influenciados por tudo o que foi citado anteriormente, mas também pela busca incessante do "o que é estar vivo?" e da dúvida infinita do "o que vem depois dessa jornada?" chamada existência humana.

DESENHAR PARA MIM É COMO RESPIRAR, COMO TROCAR UMA IDEIA DESPRETENSIOSA ENTRE AMIGOS, COMO UMA SESSÃO DE IMPROVISAÇÃO MUSICAL ONDE EU NÃO SEI LER PARTITURA.

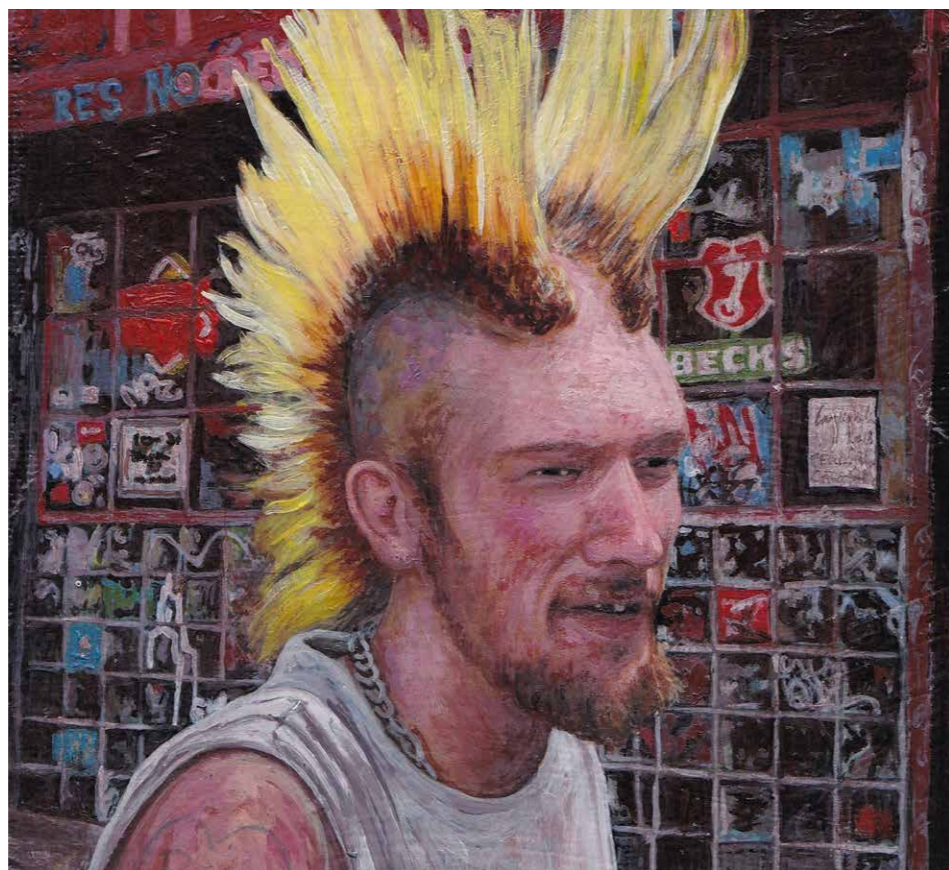
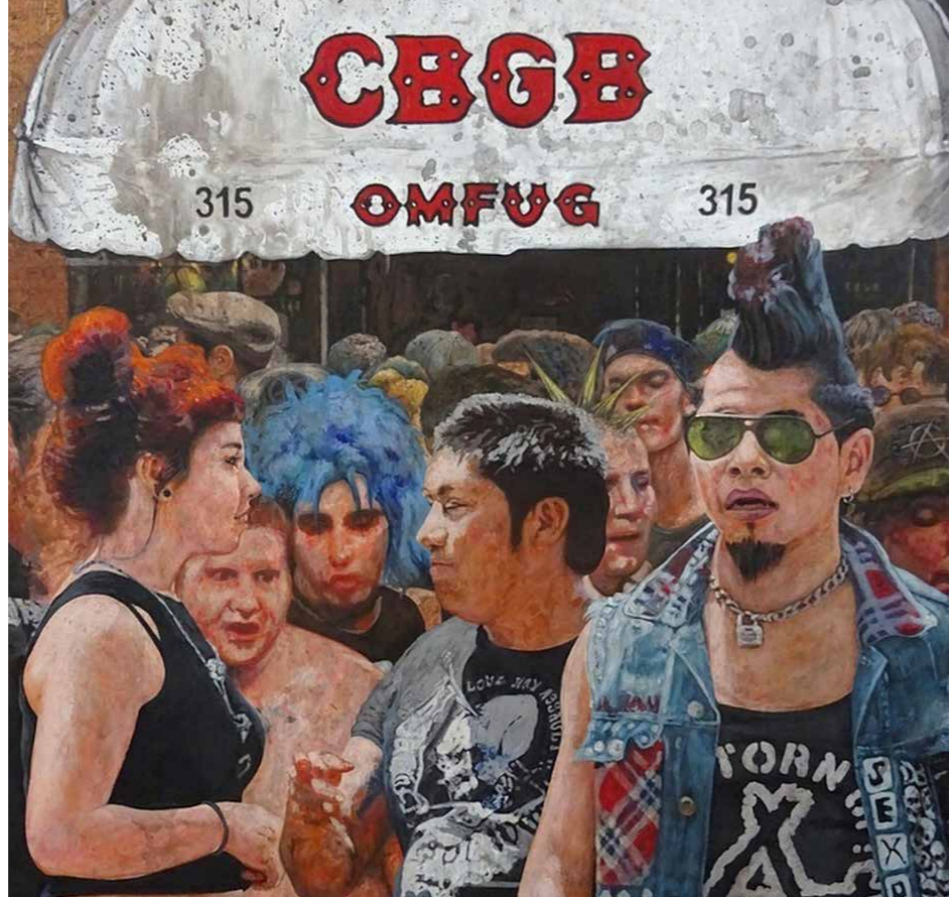
Desenhar, para mim, é como viver, não tenho controle sobre o processo, ele vai acontecendo, de forma não linear e influenciado pelo meio. Por isso, não raras as vezes, pode-se notar frases de músicas ou diálogos nas minhas obras, porque enquanto eu desenho, continuo escutando o que está acontecendo, e, de forma orgânica, transpasso essas experiências para o papel.





FERNANDO CARPANEDA

Fernando Carpaneda cria esculturas e pinturas, dentro dos gêneros punk e homoerótico, desde os anos 1980. Seu envolvimento voraz pela causa da diversidade e da cultura punk o levou a expor na galeria de arte do CBGB, Museu de Arte Heckscher, Tom of Finland Foundation, Leslie Lohman Museum of Art entre outros. Carpaneda fez as ilustrações para o livro *The Best of Punk Globe Magazine*, livro que reúne entrevistas com Debbie Harry, Jamie Oliver (UK SUBS), Earl Slick, John Lydon, The Adicts, Glen Matlock, Joe Dallesandro. Os trabalhos de Carpaneda foram publicados no livro *Treasures Of Gay Art*, do Museu de Arte Leslie Lohman, ao lado de Andy Warhol, Robert Mapplethorpe e Keith Haring. O artista participou da Bienal de Long Island em 2020 e algumas de suas obras foram expostas nos painéis de LED da Times Square, em Nova York.



Eu era adolescente no início, do movimento do Rock Brasília, e consequentemente, me tornei punk naquela época. Conheci o Renato Russo, ainda no momento do Aborto Elétrico, e participei da Il Faculta - Feira de arte e cultura de Taguatinga, em 1983, uma feira de arte que reunia bandas de rock e artes plásticas.

**MEU TRABALHO SEMPRE
RETRATOU A CENA UNDERGROUND,
PUNKS, MENDIGOS E GAYS. O
FOCO DO MEU TRABALHO SEMPRE
FOI A CULTURA MARGINAL.
MEU PROCESSO DE CRIAÇÃO É
PARALELO, MEUS DESENHOS SÃO
GERALMENTE ESTUDOS PARA
MINHAS PINTURAS, E MINHAS
ESCULTURAS.**

A partir dos desenhos crio esculturas e as pinturas. Geralmente eu trabalho em várias peças ao mesmo tempo. Eu uso 3 processos para a criação das obras; modelo vivo, fotografia e desenho. Todas as pinturas são feitas com tinta acrílica sobre tela, e geralmente uso pincel número zero para finalizar todas as obras. Geralmente deixo a escolha das poses com os modelos.”



FELIPE APEZZATTI

Felipe Apezatti, 34 anos, brasileiro, nascido em Santos e residindo em São Paulo há dez anos, formado em fotografia pela FMU e pós-graduado em Fotografia práticas artísticas e poéticas pela FAAP. Venho elaborando uma pesquisa há cerca de quatro anos sobre arte pública e estabelecendo relações entre arte, caminhada e vida. Investigo elementos do cotidiano e do encontro, pensando o artista como um agente e um propulsor de relações.

Essa série de pinturas que realizei entre 2013 e 2016, representa um período da minha produção em que estava explorando a pintura como um recurso de autocohecimento e descobrimento como fotógrafo, a maioria dos títulos dos trabalhos dessa época se relacionam com questões do campo fotográfico: "O fotógrafo", "Todos os fotógrafos devem morrer", "Coletivo", "Fotografia de rua", etc. Entendo que esses trabalhos foram importantes para esse processo de reflexão sobre as coisas que habitam meu mundo e me cercam, a fotografia de alguma forma, para além do registro, era a ferramenta que me permitia me comunicar com o exterior.



Entendo que a cultura punk é a grande incubadora, para mim, do que acredito como artista hoje em dia. Ocupar as ruas, se expressar através de ações e imagens que possam constituir novos mundos, perceber o passado, atuar no presente e construir um futuro. Percebo que isso se trata tanto sobre o que é o punk, quanto sobre o que é a arte.

O PUNK VIVE A RUA, A RUA CRIA E CONSTRÓI AS RELAÇÕES DE SOCIEDADE DE TODAS AS SORTES, DE DIFERENTES CORPOS QUE HABITAM E CONSTITUEM ESSAS RELAÇÕES. O PUNK, ASSIM COMO A ARTE, NÃO ESTÁ FORA E NEM À MARGEM DA SOCIEDADE, ELES SÃO UM BRAÇO PRÓPRIO DESSE SISTEMA, PARA O BEM OU PARA MAL, COABITAMOS ESSE MESMO LUGAR.

Até hoje vemos vários pintores do meio punk que também se aventuraram pelas cores chapadas, bonecos distorcidos e referências da cultura pop e outros símbolos para expressarem seus anseios, entendo que essas imagens estão contaminadas com esse tempo em que foram criadas e por isso conversam sobre o nosso tempo atual de alguma forma.



KÉULIN SOUZA

Kéulin Souza, ou simplesmente Kéu, é uma fotógrafa formada na Escola Panamericana de Artes, em 2014. Desde então trabalhou em estúdio de fotografias como fotógrafa e como designer gráfica manipulando fotos, hoje encaixa o trabalho de fotografia com design gráfico e serigrafia, projeto que criou em meio à pandemia, chamado Mina Estampa que produz camisetas para bandas. Por 5 anos foi baixista da banda Ataque à Jugular, há 9 anos é baixista da banda Cadillacs e está iniciando um novo projeto em uma banda formada por mulheres chamada Refugiadas Atômicas.



Apesar de ter trabalhos em cor, gosto de usar a estética do preto e branco em fotos analógicas, com grãos bem puxados e movimentos retorcidos, o planejamento não é uma parte que uso muito no meu processo de trabalho, não consigo pensar muito antes dele, fotografo ali no momento, encaixando a imagem onde faz sentido pra mim, o que gosto bastante de fazer e é um complemento no meu processo criativo é a manipulação dessas fotos no pós.

**NA MAIORIA DAS VEZES
FOTOGRAFO COMO SINTO
E COMO VEJO, MESMO
FOTOGRAFANDO O OUTRO.**



LENNON DUX

Lennon Dux atualmente tem 44 anos, pai de 2 filhos. Teve seu contato com a cena punk paulistana em 1991. Desde então fez parte de bandas tais como RDH e Sociopatas. Atualmente atua em projetos musicais mais recentes como Desfecho e Riscos Sonoros, tentando cantar, tocar teclado e baixo, bem como participando desde sempre de outras atividades veiculadas na cena punk de São Paulo quando possível, na maioria das vezes como DJ. Não tem formação em nada relacionado a arte, tendo curso de Licenciatura em História. Atualmente iniciou um projeto de grafitar muros no qual, juntamente com sua cria de 5 aninhos, desenha um boneco maluco representando um pai e um bonequinho maluquinho representando a cria, onde este brada a mensagem: "Cuida bem das crias!!!"



Na vero, posso cravar que nunca me interessei por desenho ou pintura, tampouco tenho 'dom natural (se é que isso existe...). Porém, no início dos anos 90, era muito difícil encontrar à venda camisetas de bandas que eu ouvia freneticamente. Encomendei então uma camiseta pintada a mão por um parceiro da cena Metal (é uma prática bem comum do pessoal Metal daqui desde os anos 80 'pintar peitas), porém o preço tava meio 'salgado (mas justo, pelo trampo que dá). Então, meti a mão na massa, e, com a ajuda de um bom decalque, as camisetas foram saindo e melhorando pouco a pouco o traço e a arte final. Salutar frisar que, na sua grande maioria, faço reprodução fiel de capa do disco, não costumo alterar o desenho, tampouco usar a banda para criar um desenho próprio, até em respeito à própria banda, pois, vai que, se verem a peita, os caras não curtem a ideia do desenho, né?

Foram então brotando encomendas de pessoas que, como eu, respiram música no seu dia-a-dia. Encomendas essas por vezes aceitas e entregues, mas, confesso que, por vezes, eu fico 'enrolando a pessoa que encomendou, até eu 'jogar limpo e falar que estou sem tempo para fazer. Algumas ficam putas comigo! Mas depois que explico que já cheguei a ficar 3 dias pintando uma peita, que tenho criança pequena em casa, e pago uma cerveja, as relações se estabilizam.

EM SUMA, PINTAR AS CAMISETAS NÃO VIROU PROFISSÃO, TAMPOUCO HOBBY, MAS SIM UMA SÚBITA INSPIRAÇÃO DE FAZER MAIS UMA "PEITA" QUANDO DETERMINADO SOM ATIVA O PROCESSO CRIATIVO.

COMECEI A ESTUDAR CINEMA NA FEDERAL AQUI NO SUL, NO CURSO DE COMUNICAÇÃO. LÁ FIZ MEU PRIMEIRO CURTA SUPER-8 COM OS COLEGAS.

Quando já estava ligada ao grupo dos Replicantes, decidi roteirizar e dirigir o clipe de "Nicotina", que foi o primeiro video-clipe de uma banda de punk-rock brasileira. Fui atriz do "Nicotina" assim como do "Surfista Calhorda", além de vários outros da banda.



LUCIANA TOMASI

Em 1981, eu fui para Londres com o Heron Heinz (baixista da banda). Andando pelas ruas do Soho, começamos a encontrar muitos jovens com moicanos e roupas incríveis. Eu achei que fosse o despertar dos mortos-vivos, quando um inglês nos explicou: são punks! Você sabe do Sex Pistols? Da morte do Sid Vicious? Não, lá em Porto Alegre não chegaram essas notícias. Na volta, conseguimos comprar o Combat Rock do The Clash. Enlouquecemos. Depois compramos tudo que encontrávamos de música punk. Nos juntamos ao Carlos Gerbase e ao Claudio Heinz para fazer música punk na garagem. Convidamos o Wander Wildner para cantar. E assim surgiram Os Replicantes e a Vórtex.

Faço parte dos Replicantes desde sua criação. Primeiro comecei como produtora, diretora e atriz de clipes. Depois do segundo álbum, comecei a tocar teclado e fazer backing-vocals. O último show que fiz foi nos 30 anos da banda no Opinião em 2014. Espero estar viva para o show de 40 anos.



MADÔ LOPEZ

Madô Lopez (Curitiba, 1982) vive e trabalha em São Paulo desde 2008. Formada em Publicidade e Propaganda (Campo Grande, 2006). Participou de diversas exposições coletivas em diversos lugares de São Paulo, também em Jundiaí e Pelotas. Eventos de graffiti em São Paulo, Guarujá, Rio de Janeiro, Curitiba, Santiago e Valparaíso (Chile) entre outros.

Começou a pintar telas em 2006 e alguns anos depois, inspirada por novas amigas que a encorajaram a se aventurar na arte de rua, graffiti, porque era muito inspirador.

E também é uma ótima idéia para aprimorar suas técnicas, que é a parte mais importante de tudo.

Depois dos trinta, passou a buscar por uma identidade pictórica que representasse suas emoções, além do mais, sua admiração pela cultura oriental e desenhos de mangás, canalizada em personagens por ela denominados "cabeças", essas de gato ou humanas, mas há ainda mais sobre isso.



Desde pequena rabiscava e coloria coisas aleatórias nos caderninhos da escola. No início da fase adulta, a depressão acabou me colocando em contato com as artes visuais, através de amigas, eventos de arte em atelier da turma e vernissages. Comecei pintando telas e fui parar nas ruas fazendo graffiti com amigas e amigos, muitas vezes sozinha também.

**TOMEI GOSTO PELA COISA,
QUANTO MAIS PINTAVA,
MAIS QUERIA PINTAR.
E AS TÉCNICAS DA RUA E DAS
TELAS CONVERSAVAM MUITO BEM
ENTRE SI. NUNCA MAIS PAREI.
AO LONGO DISSO TUDO, SURTIU
UMA MARCA DE ROUPAS ONDE
EU MESMA ESTAMPO MINHAS
ILUSTRAÇÕES EM PEÇAS
DE VESTUÁRIO. TAMBÉM HOVE
UM MOMENTO FANZINEIRA,
MAS NO MOMENTO NÃO EXISTEM
NOVOS FANZINES EM ANDAMENTO.**

Atualmente estou experimentando esculturas em gesso, inspirada por uma grande amiga também artista e feminista. Não penso em parar de experimentar, já tenho planos para novos experimentos, por hora ainda é um segredo.





MOGLI

Pão de matilha, performer, cantore, compositor, escritor, permacultore e instrutore de yoga.

Experimenta e investiga intervenções em espaços urbanos desde 2006, partindo das fronteiras arte e vida, loucura e crime - e suas relações categórico-estruturais envolvendo raça, gênero e classe. Integrou o corpo de iniciativas coletivas como Coletivo Coiote, Anarcofunk, e NúcleodeCaos.

Iniciou-se na Dança Butoh em 2011, desde 2013 apresenta performances rituais e conduz vivências de Kaos Butoh.

Em 2017 começou a elaborar a noção de ecologia-interseccional, na qual localiza em processo cartográfico práticas como permacultura, agroecologia e ecosofia como elementos base de diversos movimentos artísticos, anticapitalistas, marginalizados e dissidentes.

Lançou em 2020 seu primeiro EP com o Anti-Projeto Anarco Fake e, em 2021, seu primeiro livro chamado Modos artísticos em intersecções ecológicas.

Nômade, atualmente residindo em São Paulo



Experimenta e investiga intervenções em espaços urbanos desde 2006. Tendo como mote a fissura, a brecha e a transição entre as fronteiras, arte e vida, loucura e crime - e suas relações categóricas que envolvem raça, gênero e classe. Cartografa no corpo as (im)possibilidades de, em processo ritual - de descoberta de si - permitir entrecruzar as margens daquilo que se convencionou dizer humano, encontrando na Ancestralidade sem Origem a fonte para a criação e invenção de outros modos de vida. Suas obras surgem como secreção existencial do cotidiano.

Entre a Ecologia-Interseccional, Kaos Butoh e Anti-Projeto Anarco Fake,

MANEJA IDEIAS RELACIONADAS AO FIM DO MUNDO HUMANO/BRANCO E SUA ENXURRADA DE CONTRADIÇÕES E FRACASSOS OBJETIVADOS NA NOÇÃO DE PROGRESSO: ALÉM DE VISLUMBRAR POSSIBILIDADES RESILIENTES DE VIDA (INUMANA, PÓS-HUMANA E NÃO-HUMANA), ENTRE/APÓS O COLAPSO.



ORLANDO NETO

Orlando "Fuzz" Ferreira é guitarrista, fotógrafo, historiador e pedalmaker, proprietário da Plan-9 Analog Effects. Teve seu primeiro contato com a fotografia durante a infância. Desde 2010 se dedica à fotografia de paisagens na região do Sul de Minas Gerais. Em 2017 começou a praticar a fotografia analógica (com filme) de temas urbanos e do cotidiano do Centro de São Paulo. Em 2019, após fotografar shows punks em São paulo, concebeu o projeto Punk Photo 77, que retratou a cena punk paulistana entre setembro e dezembro utilizando somente câmeras analógicas dos anos 1970. Em 2020 participou da Mostra de Arte Punk do Núcleo Niá, apresentando uma seleção de fotografias do Punk Photo 77.

A relação da fotografia com a música na obra de Orlando não mantém um compromisso com o realismo, mas salienta a distorção causada pelo movimento e o aspecto sombrio dos ambientes de show, explorando o forte contraste entre o claro e o escuro e a granulação proporcionada por filmes preto e branco vencidos. Quando concebeu o projeto Punk Photo 77, ele dispensou a utilização de flash, explorando a pouca luz disponível nas casas de show que foi ressaltada pelas lentes utilizadas e na revelação química dos negativos. Nesse sentido sua fotografia tem uma forte influência da fotógrafa Pennie Smith, conhecida por seu trabalho com o Clash. Como Smith, ele utilizou, entre outras, uma câmera Pentax de 1974, além de estudar as técnicas dessa fotógrafa, tendo seu trabalho como referência estética.

PARA ORLANDO, O MAIS IMPORTANTE NA FOTOGRAFIA ANALÓGICA É QUE ELA É IMPREVISÍVEL - ELA NÃO POSSIBILITA O "PREVIEW" COMO A FOTOGRAFIA DIGITAL. É UMA FOTOGRAFIA FRENÉTICA COMO OS PRÓPRIOS SHOWS DE PUNK ROCK.

Outro aspecto importante no trabalho de Orlando é o cuidado na revelação e digitalização dos negativos. Para isso, ele trabalhou em parceria com o coletivo de fotógrafos Kodak Mafia de São Paulo, que conecta diversos fotógrafos urbanos interessados na mistura de técnicas analógicas e digitais e na fotografia de rua. Por fim, o Punk Photo 77 também contou como registro da cena punk paulistana no período logo anterior ao fechamento causado pela pandemia, trabalho que Orlando pretende retomar logo que os shows voltem a acontecer.



MOLOTOV



LUTA



DESENHAR TEM ALGO DE TORTUOSO, É ENFRENTAR OS LIMITES FÍSICOS DA MINHA FALTA DE COORDENAÇÃO MOTORA FINA. ENTÃO EU JÁ MEIO QUE ME ACOSTUMEI A ACHAR QUE TUDO VAI FICAR UMA MERDA NO MEIO DO PROCESSO E SENTIR QUE ATÉ QUE FICOU BOM NO FINAL. GOSTO DA SENSÇÃO DE PERCEBER ALGUM AVANÇO: PROGRESSO LENTO AINDA É PROGRESSO.

Se produzir animações, mesmo um curta metragem de 3 ou 4 minutos, é algo que exige muitas mãos. Daí que o gif vira uma opção atraente; falo muita coisa com poucos frames. A técnica que eu uso chama-se animação tradigital, é uma emulação da animação tradicional feita no Krita, um software livre de desenho digital.

Como o espaço de tempo pra animar um gif é curto eu busco retratar pequenos momentos, sensações e desejos. Diferente de um quadro a animação me permite dar algum movimento para esses instantes, mas gosto de pensar nelas como quadros em movimento.



PEDRO BRANDÃO

Pedro Brandão é apenas mais um punk da cidade de São Paulo. Foi do grupo de edição do fanzine da União do Movimento Punk por algum tempo e produziu fanzines junto aos diferentes coletivos onde atuou. Tocou nas bandas Terror Agressão, Desarme a PM e Força Ingovernável, onde também produziu materiais. Voltou a desenhar em 2012 enquanto era educador social em um Centro para Juventude no Jd Ângela, periferia da cidade. Na época havia descoberto a sua paixão por histórias em quadrinhos e decidiu se aventurar nessas produções, pouco tempo depois decidiu tentar outra de suas paixões: a animação. Estudou no Centro do Audiovisual de SBC (CAV) enquanto dava oficinas de histórias em quadrinhos junto a adolescentes privados de liberdade na Fundação Casa e, em 2018, se formou no CAV com o curta Glup. Além disso, produziu a HQ "Memórias Fotográficas", contando a história do Jd Ângela e atualmente produz quadrinhos e animações para o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).



PRIS

Pris é de Priscila, mãe, fundadora de uma loja de revenda de discos importados e nacionais, CD's, fitas, materiais de bandas punks, hardcore, metal e suas variações. Chamada Sacrilégio Distro, que também tornou-se selo independente, foi assim "batizada" devido ao repúdio às instituições religiosas que monetizam em cima da fé do povo, pelo falso moralismo cristão que insiste em andar associado à política em um estado, supostamente laico, que só reproduz preconceitos, e à ironia de carregar "deus" no sobrenome!

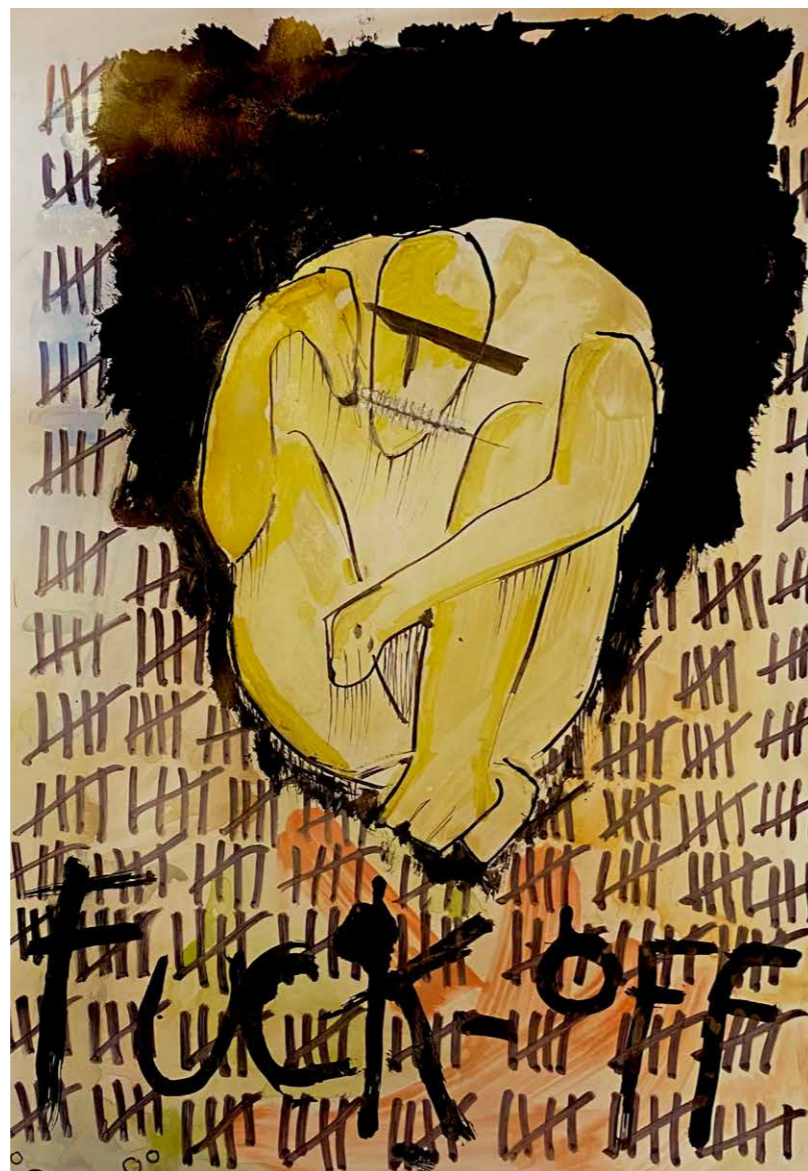
Interessada por arte, música e política desde muito cedo, começou a desenhar e fazer colagens artísticas desde criança, mas tomou o gosto e ganhou olhar especial pela produção e outras técnicas somente mais tarde. Estudou desenho no Belas Artes, mas basicamente trabalha com experimentos de papéis, tintas e, atualmente, com orgânicos como folhas e flores. Aprende diariamente com estudos cotidianos e com a vida.



Tudo começa na reunião de materiais. Minha busca é sempre pelos sebos da cidade, mas pouco antes da pandemia ganhei duas coleções de fascículos dos anos 80 junto com o convite de uma exposição em um café vegano local, acho que foi uma das maiores forças que recebi pra continuar, um verdadeiro presente que me incentiva até hoje! O trabalho inicia com infinitas folheadas a fim de criar memória fotográfica e montar possibilidades de colagens na minha cabeça.

É COMO FAÇO COM TODO O MATERIAL QUE RESERVO PRAS ARTES, FIXAR BEM TODO O MATERIAL GRÁFICO DISPONÍVEL É FUNDAMENTAL.

A partir disso, recorto com estilete de precisão algumas possibilidades que me deixam inquieta e guardo para um momento de maior inspiração, que costuma chegar acumulado em algum momento do mês. Geralmente inicio o processo com essas ideias recortadas previamente, mas na hora de cortar mais e montar, sempre é diferente, às vezes surge a ideia de adicionar tinta (nanquim, PVA, guache, até esmalte já utilizei) e brincar com xilogravura de EVA ou esqueleto de folhas, a ideia aparece com a necessidade de criar algum efeito, algumas vezes com xerox em vez da impressão original. Gosto de ver a arte no dia seguinte com a visão mais descansada para poder corrigir ou adicionar mais ideias. Por fim, depois de tudo colado e seco, passo para o scanner e a edição gráfica, que depende bastante do destino que cada arte vai receber.



SHANTALL

Shantall, artista plástica nascida em Jaú, jornalista, podcaster, escritora e compositora, membro da Academia Jahuense de Letras.

“Desenvolvo minha arte usando os mais variados tipos de suporte, materiais e técnicas. Tudo o que encontro pela frente é alvo. Trago comigo influências da street art anos 80, dos cartunistas nacionais, do cinema, música e poesia. Tudo se mistura.

Meu trabalho é conhecido pelo uso de papel antigo, com mais de 100 anos, obras raras de primeira edição, fotografias e outros documentos, o que na minha visão é um meio de eternizar não as obras, mas a mutação eterna, a entropia a qual tudo esta submetido.

MISTURO PATOLOGIAS DIVERSAS, MATERIAIS DE REUSO, POESIA E RABISCOS. QUER SEJA NOS MEIOS DIGITAIS, ANALÓGICOS, OU FLERTANDO COM OS MUROS DAS CIDADES, TUDO O QUE EU QUERO É ME DIVERTIR. COLA, PAPEL, TINTA, QUALQUER COISA VIRA 'ALMA' NA MINHA MÃO!”



SIMONE DE PAULA RÊGO

Simone de Paula Rêgo é roteirista e diretora. Já trabalhou em diversas emissoras de TV e produtoras de vídeo em São Paulo e Belo Horizonte, realizando programas de TV, documentários e conteúdos audiovisuais em todos os formatos. Se especializou na criação de obras de ficção, vídeos em animação e em projetos que tenham a Arte como foco. E é nesse diálogo com a Arte, em todas as suas linguagens, que se expressa, criando projetos para a mídia e projetos autorais. Desde uma série para TV que mostra os artistas da dança de Minas Gerais ("Retratos da Dança" - Rede Minas de Televisão) a um programa de ficção infantil com os bonecos do Grupo Giramundo ("Dango Balango" de veiculação pela TV Minas e Canal Brasil).

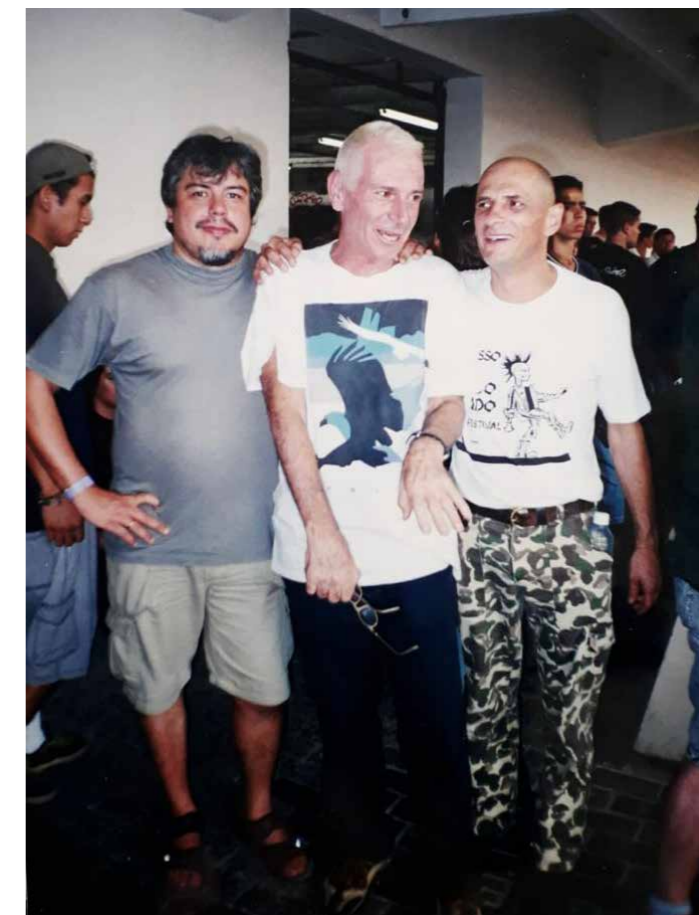
A Arte também permeia seus projetos e criações autorais, muitas em parceria com o artista plástico Andre Araujo, onde prevalece o punk, o underground e as temáticas marginais. Criações intermediárias que mesclam música, literatura, cinema e artes plásticas e dão origem à videoartes e documentários. Atualmente vive e trabalha em Belo Horizonte - MG.



NOS MEUS TRABALHOS ME INTERESSA SEMPRE O LADO B, O NÃO COMERCIAL, A OBRA LIVRE DE PADRÕES E CÓDIGOS PRÉ-DEFINIDOS. MEUS TEMAS GIRAM EM TORNO DA CULTURA, DA ARTE, DO COMPORTAMENTO E DAS TENSÕES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

Dessa vida triturada pelo capitalismo, num espaço onde obscena é a miséria e a desigualdade. Persigo a estética da experimentação, da liberdade criativa e do jogo sensorial, buscando imagens e conceitos que não entreguem de bandeja, mas levem a algum tipo de busca e encontro subjetivos.

Um dos meus primeiros trabalhos autorais independentes foi a direção do documentário "A um passo do fim do mundo", de 2001. Numa produção realizada dentro da ideologia punk - na raça, com captação de áudio direto da câmera. Assim conseguimos registrar o Festival que celebrou os 25 anos do movimento punk, que também foi celebrado na Inglaterra, EUA, Alemanha, Finlândia e Japão. Na versão brasileira, o evento foi no Tendal da Lapa, em SP, com 54 bandas que tocaram em 2 palcos paralelos, em um final de semana. Além de trechos das apresentações, o vídeo traz entrevistas com músicos, público, artistas e alguns ícones do movimento punk no Brasil como Ariel e Antônio Bivar. Punk rock, artes plásticas, fanzines, debates, atitude e muita adrenalina!





TULLIO DE LIMA

Tullio de Lima, nascido em 1981 na cidade de São Paulo, metalúrgico de profissão, baterista da banda Injetores, nas horas vagas tenta produzir alguns vídeos.

Subúrbio geral é um projeto que foi iniciado no ano de 2016 com o intuito de vídeo mostra, e de lá até o presente momento, muita coisa rolou, desde o fechamento do local onde o documentário foi realizado, até outros problemas e perdas pessoais.

MUITO TRABALHO, EMPENHO E ESFORÇO FOI IMPLANTADO NESTE PROJETO, QUE OUSOU MOSTRAR UM PEQUENO RECORTE DESSA CENA QUE ESTÁ MAIS VIVA E ATIVA DO QUE NUNCA.

CAPTAÇÃO DE IMAGENS: Adilson Junior, Túlio de Lima;
ARTE: Danielle Montero, Jéferson Barros, Túlio de Lima;
REVISÃO DE TEXTO: Luísa Guimarães; CAPTAÇÃO DE ÁUDIO, MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO: Estúdio Noise Terror;
IDEALIZAÇÃO E ROTEIRO: Injetores

O vídeo foi feito por pessoas que vivem essa cena, e que acreditam que isso não pode cair no esquecimento. Realizado na casa mais punk que já houve no Brasil, o Estúdio Noise Terror, o documentário conta com diversas bandas que agitaram muito as noites do centro e do subúrbio nas gigs punks.

POSFÁCIO

Gostaríamos de dedicar essa mostra aos seguintes artistas punks brasileiros que infelizmente partiram nos últimos anos, deixando, porém, uma enorme contribuição para a história e a arte punk brasileira:

- Alexandre "Bucho"
- Antônio Bivar
- Douglas Viscaíno
- Flávio "Filhote-de Galinha"
- Klaudiu "Autogestão"
- Macarrão
- Marcelo Crozera "Niki Nixon"
- Marcolândio Gurgel Praxedes "Xinês"
- Marina Veneta
- Orlando Saltini
- Redson Lopes Pozzi